

MENTALISMO E BEHAVIORISMOS¹

HELIO JOSÉ GUILHARDI
INSTITUTO DE TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO
CAMPINAS - SP

ASSOCIAÇÃO

No experimento clássico de Pavlov, o experimentador apresentava para o cachorro (sujeito experimental) um som, o qual não tinha função de eliciar salivação no animal. Logo em seguida, apresentava comida. A repetição sistemática das apresentações dos estímulos som e alimento, sempre na mesma ordem, acabava por produzir uma nova função para o som: ele sozinho eliciava salivação no cachorro. Passou a ser chamado de estímulo condicional (CS), pois a função adquirida foi estabelecida por uma condição experimental específica. Afirma-se que a função eliciadora adquirida do som foi devida à *associação* que o cachorro fez entre o som e o alimento. Vamos analisar com cuidado o que o experimento permite concluir. Assim:

1. O *experimentador* usou um procedimento em que *ele** associou o som com o alimento. Neste sentido o termo associar corresponde à definição atribuída ao verbo: pôr junto; reunir.
2. Não há nenhuma evidência de que o *cachorro** associou o som com o alimento. Tal associação poderia ser considerada uma *atividade mental* (a qual, até o presente, não foi *descoberta*, mas inventada e, como tal, ainda é impossível comprovar sua existência ou inexistência) ou resultado de um *mecanismo* neurofisiológico (o qual ainda não foi demonstrado, mas que poderá – se de fato existe – vir a ser identificado e descrito, desde que haja avanços na tecnologia neurofisiológica, que permitam acesso a tais mecanismos).*
3. O que se pode afirmar é que o experimentador associou o som com o alimento, apresentando-os repetidas vezes em ordem pré-determinada e, como resultado do procedimento, o som passou a eliciar salivação antes da apresentação do alimento. Tal procedimento é uma atividade natural do cientista e pode ser replicado; o resultado produzido pelo procedimento (salivação eliciada pelo som) pode também ser replicado sem necessidade de se afirmar que existiu o *elo intermediário* (mental ou neurofisiológico) entre o procedimento e o resultado comportamental, qual seja a atividade de *associação* desempenhada pelo cachorro experimental. Não se pode afirmar que foi *por causa da associação*, feita pelo sujeito experimental, que a

¹ Março/2015

*Tal distinção foi elaborada primeiramente por Skinner

salivação foi eliciada pelo som; mas pode se afirmar que foi pela associação de estímulos feita pelo experimentador. O procedimento experimental manipulado pelo experimentador é *necessário* e *suficiente* para explicar o efeito comportamental.

4. Pode-se dizer que a salivação do cachorro passou a ficar sob controle do som como resultado do procedimento experimental empregado. Nada além!
5. Compare as seguintes frases:
 - a. Não se pode afirmar que o cachorro faz associações (mentais) sobre relações entre eventos naturais, pois não há como demonstrar que tais associações existem, nem que elas não existem. O que se pode é examinar cientificamente interações entre eventos ambientais e manifestações do organismo. A ênfase não está em *o quê* estudar, mas em *como* estudar. *Behaviorismo metodológico*.
 - b. O cachorro salivou, comportamento respondente eliciado pelo som, porque associou o som com a apresentação do alimento. *Mentalismo*.
 - c. Os organismos de ordem superior, isto inclui o ser humano, não fazem associações, pois estas são invenções arbitrárias, como tal inexistentes, que se propõem a explicar os comportamentos, em particular dos seres humanos. *Behaviorismo metafísico*.
 - d. As asserções (afirmações) sobre eventos mentais, tais como: “o cão salivou porque associou o som com o alimento”, tornam-se, quando analisadas, asserções sobre comportamento, assim como: “o cachorro salivou sob controle da função eliciadora do som, como resultado do procedimento experimental usado pelo experimentador que apresentou sistematicamente o som antes do alimento.” *Behaviorismo Analítico*.
 - e. O cachorro salivou quando o som foi apresentado porque antecipou, isto é, “tinha a expectativa” de que ao som se seguiria o alimento. *Behaviorismo cognitivo ou teleológico*.

Pode-se observar que na linguagem cotidiana – e muitas vezes também nas expressões técnicas e conceituais – as pessoas tendem a misturar asserções das categorias apresentadas nos cinco itens acima. É difícil usar uma linguagem precisa e seu uso consistente exige muito treinamento. Tal confusão na linguagem, quando se refere a comportamentos humanos, tornou-se familiar e deixa de ser observada de maneira crítica, sob influência secular dos conceitos mentalistas subjacentes à concepção do Homem na culturaidental.

Conclusões:

- a. Se alguém disser que o cachorro fez a associação (mental) entre o som e o alimento e que tal associação tem função causal, então esse alguém é *mentalista*. Supõe que

- existem duas naturezas não confrontáveis: uma natural e outra metafísica que interagem entre si (*interacionismo psicofísico*).
- b. Se alguém disser que o cachorro fez a associação (mental) entre o som e o alimento, mas que tal associação *não* tem função causal, então este alguém é *mentalista*. Supõe que existem duas naturezas não confrontáveis: uma natural e outra metafísica, mas que não interagem entre si (*paralelismo psicofísico*).
 - c. Se alguém disser que não existe tal atividade mental, chamada associação, então esse alguém está fazendo uma afirmação que vai além das evidências demonstradas (ninguém provou que organismos não fazem tal classe de associações): é um *behaviorista metafísico*.
 - d. Se alguém disser que não se pode provar a existência, tampouco não se pode demonstrar a inexistência da atividade chamada associação, mas que se pode estudar o fenômeno da salivação condicional, se pode controlar sua eliciação, se pode prever o que ocorrerá com o uso do procedimento descrito..., então esse alguém é um *behaviorista metodológico*.

Nesta exposição usei o procedimento de Pavlov – e o próprio Pavlov e seguidores usaram o termo associação feita pelo cachorro – para ilustrar a crença difundida de que há necessidade de uma atividade metafísica (mental) no organismo para que os fenômenos comportamentais ocorram. O mesmo raciocínio – e com muito maior ênfase – tem sido utilizado com o ser humano. Não se deve confundir mecanismos inventados metafísicos (mentais) com mecanismos fisiológicos que estão subjacentes aos eventos comportamentais. Há mecanismos fisiológicos subjacentes aos comportamentos que já foram demonstrados pela fisiologia; há outros que ainda não foram descritos, mas que poderão vir a ser com a evolução da ciência biológica. Assim ocorreu, por exemplo, com a descoberta dos cromossomos, em seguida dos genes, a codificação de cadeias de DNA e, mais recentemente, com os mecanismos de metilação dos genes, que eram desconhecidos e cuja existência e mecanismos de atuação estão hoje demonstrados. Os mecanismos fisiológicos são eventos naturais e, não obstante não serem objeto de estudo da Psicologia, participam da ocorrência das atividades do organismo, parte das quais chamamos de comportamento. Conclua-se, porém, que mecanismos fisiológicos demonstrados têm natureza física, mas não são *causa* dos comportamentos; são parte do fenômeno comportamental. O comportamento não deve ser reduzido à atividade fisiológica.

Não exporei neste texto a posição de Skinner, apresentada no Behaviorismo Radical, sobre a natureza e mecanismos de ação dos eventos encobertos, pois trataremos deste tema mais adiante no Curso. Por ora, basta dizer que Skinner os conceitua como produtos da ação da comunidade verbal, que adota práticas que ensinam os membros de tal

comunidade a usar termos sobre o mundo encoberto. Este mundo encoberto (pensamentos, imagens, crenças, regras etc.) não tem uma *segunda* natureza; é também manifestação do organismo – como tal, atividade natural – da mesma natureza que os comportamentos públicos.

DISCRIMINAÇÃO

Na mesma linha de raciocínio seria oportuno se referir a outro termo, que a comunidade operante continua usando com frequência, mas que tem origem mentalista. Trata-se do termo *discriminação* (bem como generalização e outros, tais como agressividade, assertividade, dessensibilização, timidez etc.).

Considere um estímulo que é neutro para influenciar determinado comportamento. Assim, uma luz não tem nenhuma função, antes de passar por um procedimento de condicionamento, em relação a uma alavanca. O estímulo discriminativo (SD) é aquele que, após ser exposto a determinado procedimento (chamado de treino discriminativo), passa a ter função específica de controle sobre determinados comportamentos emitidos pela pessoa. Suponha um procedimento experimental em que o sujeito de uma pesquisa é exposto à seguinte situação: quando uma luz verde fica acesa durante 60 segundos (a luz no início do procedimento ainda não tem nenhuma função específica para o sujeito ingênuo), se a pessoa puxar a alavanca da direita em frente dela, tal comportamento produzirá uma consequência reforçadora positiva (por. ex., algum valor em dinheiro). Se puxar a alavanca do lado esquerdo, não haverá nenhuma consequência reforçadora positiva programada (extinção). (Diz-se que o SD é aquele evento que estabelece a ocasião em que uma resposta, se for emitida, produzirá, uma consequência reforçadora positiva.) Após 60 segundos, a luz verde se apaga e é acesa uma luz vermelha (a qual no início do experimento também não tem nenhuma função para o sujeito ingênuo). Na presença da luz vermelha as contingências de reforçamento em relação ao comportamento de puxar a alavanca se invertem. Assim:

Antecedente	Comportamento	Consequência
Luz verde SD ———	puxar alavanca D ———→	Sr+
SΔ ———	puxar alavanca E —→	Sr+
Luz vermelha SD ———	puxar alavanca E ———→	Sr+
SΔ ———	puxar alavanca D —→	Sr+

Após sucessivas apresentações alternadas das luzes verde e vermelha, o sujeito experimental na presença da luz verde vai progressivamente diminuindo a emissão do comportamento de puxar a alavanca E. Finalmente, puxa apenas a alavanca D. Por outro

lado, na presença da luz vermelha acabará emitindo apenas a resposta de puxar a alavanca E e não puxa mais a alavanca D. Diz-se que fez *uma discriminação* entre a luz verde e a vermelha. Assim, luz verde é SD para puxar a alavanca D e SΔ para puxar alavanca E; luz vermelha é SD para puxar alavanca E e SΔ para puxar alavanca D. (S delta é ocasião em que, mesmo que o comportamento seja emitido, não produzirá consequência reforçadora positiva.)

Vamos analisar com cuidado o que o experimento permite concluir:

1. O *experimentador* associou luz verde com as seguintes relações: puxar alavanca D produz Sr+ e puxar alavanca E não produz Sr+. Por outro lado associou luz vermelha com as seguintes relações: puxar alavanca E produz Sr+ e puxar alavanca D não produz Sr+.
2. Não há nenhuma evidência de que o sujeito experimental *associou* as luzes verde e vermelha com as funções das respectivas alavancas D e E. Dizer que o sujeito fez a associação entre luz verde com alavanca D e luz vermelha com alavanca E equivale a supor que existe uma *atividade mental* chamada *discriminação*, a qual, por sua vez, depende de uma atividade também mental chamada *associação*, sem as quais não ocorreriam os comportamentos discriminativos. As duas atividades (mentais) de associação e de discriminação são intermediárias, supostamente internas, e até o momento, na ausência de qualquer evidência de que existam, pode-se dizer que são inventadas, com função *causal* relacionando a cor da luz com a alavanca que produz reforço.
3. Dizer que a pessoa possui uma atividade mental de associação e de discriminação é adotar uma posição mentalista: supõe que existem eventos não confrontáveis, de diferentes naturezas (natural e metafísica. Assim, associação e discriminação são atividades mentais; puxar alavanca é uma ação neuromotora natural do organismo). Se alguém supõe que há entre tais eventos uma relação *causal*, então esse alguém é mentalista, que defende o interacionismo psicofísico; se, porém, apenas afirma que existem, mas não têm relações de causalidade entre si, trata-se de uma pessoa mentalista, que defende o paralelismo psicofísico.
4. Pode-se dizer, enfim, que o sujeito experimental – submetido aos procedimentos descritos – comportou-se sob controle da luz verde de acordo com as contingências de reforçamento vigentes: puxar alavanca D produz Sr+; puxar alavanca E não produz Sr+; ainda mais, sob controle da luz vermelha comportou-se de acordo com as contingências de reforçamento em vigor: puxar alavanca E produz Sr+; puxar alavanca D não produz Sr+. O procedimento adotado é suficiente para explicar o comportamento discriminativo (responder diferentemente sob controle de estímulos diferentes); não há necessidade de acrescentar nenhuma explicação adicional. Não se nega a existência das atividades de associação e de discriminação (negá-la seria adotar a posição *behaviorista metafísica*); também não se afirma que tais atividades existem (afirmar que existem seria *mentalismo*).
5. Se alguém disser que o sujeito experimental *sabe* (ou *pensa*) que as cores das luzes especificam as funções das alavancas D e E, o termo *saber* (ou *pensar*) pode ser especificado em termos comportamentais. Assim, *saber* (ou *pensar*) significa que o

sujeito experimental é capaz de descrever as contingências de reforçamento em operação sob controle de cada uma das luzes (ele emite *tatos verbais puros* sob controle das luzes e das respectivas contingências de reforçamento em operação). Adicionalmente à descrição das contingências de reforçamento, o sujeito se comporta puxando as alavancas de acordo com tais contingências. Pode-se falar que esse alguém é um *behaviorista analítico* (lembrando-se que, no behaviorismo analítico, as afirmações sobre eventos mentais tornam-se, quando analisados, em afirmações sobre comportamento).

6. É suficiente utilizar procedimentos científicos que produzem resultados comportamentais sistemáticos, previsíveis, replicáveis (o que supõe que há controle do fenômeno comportamental em estudo). É desta forma que se caracteriza o *behaviorismo metodológico*.
7. Skinner afirma que as contingências de reforçamento atuam, quer as pessoas tenham ou não consciência delas, ou seja, não há necessidade de se supor nenhum outro mecanismo (muito menos metafísico) para explicar porque os organismos se comportam: basta conhecer as contingências de reforçamento (CR) que estão operando. O conhecimento consciente envolve dois estágios:
 - a. *Influência da comunidade verbal* que ensina seus membros a observar e descrever as contingências de reforçamento às quais responde. Consciência é conhecer com o outro, sob influência do outro, daí a composição do termo *con – sciencia*.
 - b. *Influência das CR presentes*, às quais a pessoa responde. Logo, consciência envolve *saber* porque se comporta (comportamento verbal) e se comportar de acordo com as CR (ação no ambiente).
8. Se questionado sobre seus comportamentos discriminativos, o sujeito experimental do procedimento exposto acima poderá responder:
 - a. Quando a luz verde está acesa, puxar a alavanca da D produz Sr+, enquanto a da E não produz o Sr+.
 - b. Quando a luz vermelha está acesa, ocorre o contrário...

O que se detecta, portanto, é que o sujeito experimental descreve (isto é, está sob controle das) as contingências de reforçamento em operação. Não se detecta nenhuma atividade mental. A habilidade dele de descrever as CRs é produto da comunidade verbal a que pertence (se o sujeito for analista do comportamento ele fará tal classe de verbalização; se for um sujeito leigo em análise do comportamento, provavelmente, dará uma resposta compatível com os termos e explicações etc. de sua comunidade verbal).

O exposto chama a atenção para o paradigma behaviorista (iniciado, ainda que de forma ingênua e insatisfatória, por Watson) em oposição ao paradigma mentalista. O modelo mentalista está tão enraizado na cultura ocidental que incomoda deixá-lo de lado. Fica a sensação de que está faltando algo para se ter uma explicação completa. Por outro lado, uma reflexão crítica demonstra que as “causas mentais” (vontade, livre arbítrio, agressividade, bondade, assertividade, timidez etc.) não são acessíveis à manipulação direta. São ficções explicativas.

Notas:

O capítulo III do livro *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner discute temas apresentados nesta apresentação.

Se puder ser demonstrado que dessensibilização se trata de um fenômeno neurofisiológico, então conclui-se que é uma atividade natural do organismo evocada por eventos ambientais. Assim sendo, é um evento confrontável, que pode ser estudado pela Ciência Natural (pela Ciência biológica, neste exemplo). No entanto, os fenômenos neurofisiológicos ocorrem como parte do processo de se comportar (são mudanças estruturais que ocorrem no organismo) e *não são comportamentos*, conforme os define o behaviorista radical. As atividades neurofisiológicas não são objeto de estudo do Psicólogo, nem do Analista do Comportamento, mas podem fazer parte de um trabalho conjunto – cada qual dentro do seu campo – entre o fisiologista e o analista do comportamento. Se a dessensibilização é um mero termo mentalista, então só se justifica seu uso como hábito da linguagem sem função explicativa, nem causal!